



Imagens de um caso de polícia: a cobertura fotográfica do “Crime do Simca” pela *Folha de Londrina* (1963-1964)¹

Bruna Komarchesqui²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a cobertura imagética feita pela *Folha de Londrina* durante as investigações do que ficou conhecido na cidade como “Crime do Simca”. No período de dezembro de 1963 a setembro de 1964, o jornal dedicou grande espaço para textos e imagens sobre o caso, dando voz aos advogados de acusação e defesa da ré Maria Neusa Ferreira, acusada de matar o amásio e tentar levar o corpo para outra cidade. Para a análise, partiu-se de referenciais teóricos sobre fotografia de imprensa, história e memória – Kossoy (2001), Le Goff (2003), Burke (2004), Heras (2009) e Freund (1976). Além da análise iconográfica, outra importante ferramenta de pesquisa foi a análise documental, já que se trata de recuperar historicamente a cobertura feita por uma mídia impressa. Conclui que as fotografias publicadas em cada edição do jornal eram escolhidas de maneira a corroborar a tese criada pelo advogado que aparecia como fonte da matéria – ora o de defesa, ora o de acusação. Apesar disso, as imagens hoje são de fundamental importância para a recuperação de um momento da história de Londrina e podem ser consideradas o retrato do pensamento de uma época.

Palavras-chave: Fotografia de imprensa; Fotografia e memória; *Folha de Londrina*; Crime do Simca; História de Londrina (PR).

Introdução

Um acidente envolvendo um Simca Chambord e um caminhão Mercedes Benz na estrada que liga Bandeirantes a Andirá (ambos municípios paranaenses) despertou a atenção da imprensa londrinense, no ano de 1963. Uma colisão comum, não fosse o fato da condutora do Simca estar carregando no banco de passageiro o corpo de seu companheiro, enrolado em uma colcha, morto com três tiros na cabeça. Estavam aí os ingredientes para que a imprensa se interessasse pelo caso. De dezembro de 1963 a setembro de 1964, jornais, rádios e a recém-inaugurada emissora de televisão de Londrina deram destaque ao que ficou conhecido como “Crime do Simca”.

O objetivo deste trabalho é analisar a cobertura fotográfica feita pela *Folha de Londrina*, jornal fundado na década de 40, que permanece em atividade até os dias atuais. Para isso, usou-se como referencial teórico autores que tratam de fotografia,

¹ Trabalho apresentado ao GP História do Jornalismo, XI Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação Visual pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Bolsista da CAPES. Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela mesma instituição (2009). E-mail: bruna.kom@gmail.com



história e memória. A ideia é mostrar como o discurso dos advogados de defesa e acusação influenciou a publicação de fotografias pelo jornal, durante o caso.

Outra importante referência para a pesquisa foi a dissertação de mestrado *Caçadores de notícias: história e crônicas policiais de Londrina*, em que Tony Hara descreve quatro crimes ocorridos na cidade, no período que vai de 1948 a 1970. Por se tratar de uma pesquisa sobre a imprensa, a análise documental é um importante meio de obtenção de informações. Segundo Moreira (2009, p.276), esse recurso “[...] muito mais que localizar, identificar, organizar e avaliar textos, som e imagem, funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações, momentos” e costuma ser utilizado nos estudos sobre a história dos meios de comunicação.

A relevância de estudos como este se justifica na fala de Barbosa (2007), para quem não há com separar história e comunicação. “As pesquisas, envolvendo a relação entre mídia e história, ocupam hoje lugar central na preocupação de dezenas de pesquisadores de múltiplas áreas de conhecimento, com ênfase, evidentemente, à história e à própria comunicação.” (BARBOSA, 2007, p.15).

1. Fotografia de imprensa e memória

A introdução da fotografia na imprensa como prática sistematizada contribuiu para a modernização dos meios de comunicação impressos, no início do século XX. O primeiro jornal brasileiro a explorar plenamente a linguagem fotográfica e tratar as fotografias como produto jornalístico foi o *Ultima Hora*, fundado no Rio de Janeiro, em 12 de junho de 1951. De acordo com Silva (2009), o periódico soube, como nenhum outro, explorar sequências fotográficas e valorizar o fotógrafo, sendo pioneiro na publicação de crédito e de fotografias coloridas.

Poucos são os estudos que contemplam o uso da fotografia na mídia impressa. Para Silva (2009, p.11), o assunto é de fundamental importância já que – no contexto da notícia factual –, diferente do texto escrito, as fotografias, umas vez tomadas, não podem ser refeitas ou “re-apuradas” para se adequarem à linha do jornal ou a ocasionais mudanças. “É no átimo de segundo que ela [fotografia] se constrói e é justamente por isso que se torna a linguagem mais importante numa sociedade que experimenta a aceleração temporal da modernidade.”

A história do fotojornalismo é, então, resultado de um processo histórico extenso e multifacetado. Se o objetivo das técnicas fotográficas é o “aprisionamento do real”, a

fotografia de imprensa pode ser considerada como “restos de um passado que ficou no presente”. (SILVA, 2009, p.14).

Silva (2009) defende que a fotografia nasceu irremediavelmente ligada à imprensa, porque, se por um lado a fotografia encontra na imprensa um espaço privilegiado, por outro a imprensa se apropria da inovação para atingir de vez a ideia de modernidade. A relação do homem com o tempo e o espaço também muda a partir da inserção da imagem fotográfica na imprensa. Para Freund (1976, p.96), até então o homem comum só podia testemunhar o que acontecia em sua rua ou bairro. Com a fotografia, rostos de homens públicos e fatos que ocorrem no país ou além-fronteiras se tornam familiares. “[...] se abre uma janela ao mundo. [...] A palavra escrita é abstrata, mas a imagem é um reflexo concreto do mundo onde cada um vive.”³

Le Goff (2003) acrescenta que, além da imprensa, a fotografia foi outro “invento” responsável por revolucionar a memória, uma vez que “[...] multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica”. (LE GOFF, 2003, p.460).

Kossoy (2001, p.162) completa que “fotografia é memória e com ela se confunde”. Conforme o autor, a iconografia fotográfica pode fornecer informações preciosas para a compreensão de múltiplos aspectos do passado. “O fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem, e portanto a perpetuação de um momento [...]. A cena registrada na imagem não se repetirá jamais.” (KOSSOY, 2001, p.161).

Para Burke (2004, p.17), um dos méritos da imagem é a possibilidade que ela traz consigo de permitir ao espectador “[...] ‘imaginar’ o passado de forma mais vívida”.

Embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais [...] imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunha ocular. (BURKE, 2004, p.17).

Com relação à imagem fotográfica, ela é ainda mais reveladora uma vez que alguns de seus elementos trazem dados “[...] jamais mencionados pela linguagem escrita

³ Tradução livre do original: “[...] se abre una ventana al mundo.[...] La palabra escrita es abstracta, pero la imagen es un reflejo concreto del mundo donde cada uno vive.”



da história”. (KOSSOY, 2001, p.160). Como segunda realidade, ela se diferencia de outras fontes históricas por trazer refletida em si a primeira realidade, a própria imagem do referente. Por isso a preservação da fotografia como documento histórico é tão importante. “Desaparecida esta segunda realidade – seja por ato voluntário ou involuntário –, aquelas personagens morrem pela segunda vez. O visível fotográfico ali registrado desmaterializa-se. Extingue-se o documento e a memória.” (KOSSOY, 2001, p.162).

De acordo com Heras (2009, p.20-21), o homem é um “fazedor” de imagens e o historiador um “fazedor” de memórias. Sendo assim, o objetivo do historiador seria construir discursos visuais por meio da reunião de diversos instantes fotográficos. Para a autora, é importante recompor a história por meio da imagem “[...] com a intenção de descobrir não só o que se vê, mas também o que se mostra oculto atrás de uma olhada apressada”.⁴

Além de mostrar o próprio passado, graças a seu verismo iconográfico, as fotografias trazem informações não só do retratado, mas também de quem retrata, uma vez que este recria na imagem sua própria visão de mundo.

Deste modo a aparência de objetividade da fotografia mascara, em algumas ocasiões, omissões intencionais, incorporações, manipulações e persuasões, elementos que o investigador deve ter em conta, posto que essa aparência é uma ferramenta, mais que sugestiva para influenciar o comportamento do outro. (HERAS, 2009, p.22).⁵

2. Surge a *Folha de Londrina*

A década de 40 viu despontar em Londrina uma série de publicações periódicas que, na maioria das vezes, pela falta de condições financeiras não chegavam a durar muito tempo. Além da infraestrutura pouco adequada para se fazer um jornal – sistema precário de energia elétrica, falta de profissionais capacitados –, quem se aventurasse pelo ramo da comunicação escrita naquela época se deparava com uma dificuldade no

⁴ Tradução livre do original: “[...] con la intención de descubrir no sólo lo que se ve, sino lo que se muestra oculto tras una mirada apresurada.”

⁵ Tradução livre do original: “De este modo la apariencia de objetividad de la fotografía enmascara, en algunas ocasiones, omisiones intencionadas, incorporaciones, manipulaciones y persuasiones, elementos que debe tener en cuenta el investigador, puesto que esta apariencia es una herramienta, más que sugerente, para influir sobre el comportamiento del otro.”



que diz respeito ao público-alvo. De acordo com o censo demográfico de 1940⁶, dos 75.296 habitantes de Londrina, apenas 21.895 sabiam ler e escrever. A grande maioria da população se declarava analfabeta.

O primeiro jornal de Londrina surgiu em 9 de outubro de 1934, meses antes da emancipação política da cidade. Pioneiro, o *Paraná Norte*⁷ fez história e continua a ser uma fonte riquíssima de pesquisa. Seu objetivo principal era propagandear (implícita e explicitamente) as terras férteis da região e servir aos interesses da Companhia de Terras. Segundo Schwartz (2000, p.8A), “cinco jornais, pelo menos, todos semanários, circularam entre 1934 e 1946”. Entretanto, o *Correio do Norte*, primeiro jornal diário de Londrina só surgiria em 1946. Depois dele, pipocaram vários outros periódicos de vida efêmera. Mas foi no final da década que a cidade viu nascer seu jornal mais duradouro.

A história da *Folha de Londrina* é repleta de lacunas e contradições. Nem mesmo a data de sua fundação é certa. Segundo Marinósio Filho e Marinósio Neto (1991, p.42), o primeiro número do jornal circulou em 15 de novembro de 1947, mas trazia em seu cabeçalho a data de 13 de novembro. “Já Rafael Lamastra em depoimento, afirma que o lançamento ocorreu em 29 de outubro de 1947.” Apesar dos autores apontarem 1947 como ano de fundação da *Folha*, a capa da primeira edição do jornal (reproduzida na página 40 do livro) traz em seu cabeçalho a data de 13 de novembro de 1948, portanto, um ano depois.

A confusão de datas, no entanto, não pode ser atribuída ao livro *História da Imprensa de Londrina*. Atualmente, a própria *Folha* adota 13 de novembro de 1948 como data de sua fundação, mas nem sempre foi assim. O jornalista e pesquisador da história de Londrina, Widson Schwartz⁸, afirma que o jornal teve “várias fundações”, mas a data correta é mesmo 1947. “Tinha até uma placa na *Folha*, um letreiro luminoso na fachada, dizendo que foi em 47”.

Em sua edição de 23 de setembro de 1969, a *Folha de Londrina* contou um pouco de sua história:

O primeiro número da ‘Fôlha’ apareceu em 29 de outubro de 1947. Era um semanário desprezioso, apenas uma folha dupla e igual a todos os outros jornais da região. Um ano depois, a ‘Fôlha’ passou a circular duas vezes por semana, às quintas e domingos. Ao iniciar aquela fase, foi abandonada a antiga

⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recenseamento Geral do Brasil (1º de setembro de 1940). Série Regional – Parte XVIII – Paraná. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1951.

⁷ Deixou de circular em 1953.

⁸ Entrevista concedida Bruna Mayara Komarchesqui e Paulo César Boni, em 28 de abril de 2008.

numeração: no dia 13 de novembro de 1948 saía a edição nº 1 do jornal em sua etapa bi-semanal.

Isso explica a confusão que normalmente se faz com relação à data de fundação do jornal. Anos depois, essa matéria de 1969 seria esquecida até mesmo pela própria *Folha*, que voltou a falar do tema:

A *Folha de Londrina*, até alguns anos atrás teve várias datas de fundação. Porque, como muita coisa que se fez empiricamente na região, também nós – por causa de um princípio de incêndio – perdemos grande parte do arquivo, e inclusive o nº 1 do jornal. Só pouco tempo atrás, depois de longo tempo de busca, descobrimos e localizamos um exemplar do nº 1, cuja 1ª página estampamos acima. Aí então nos certificamos da data verdadeira: 13 de novembro de 1948, como consta no cabeçalho desta primeira edição. É hoje, portanto – 13 de novembro – o dia do aniversário da *Folha*.⁹



Figura 1 – Com data de 13 de novembro de 1948, a capa que traz uma foto de Getúlio Vargas e demonstra filiação trabalhista é considerada, pelo próprio jornal, a primeira edição da *Folha de Londrina*

Fotografia: Reprodução/Devanir Parra

Fonte: Publicada no *Jornal de Londrina* 12/12/1998

⁹ “Corrigindo um erro”: *Folha*, ano 40. *Folha de Londrina*, 13 de novembro de 1987.



Independente da confusão de datas, a *Folha de Londrina* foi – e continua sendo – um importante veículo de comunicação da cidade e da região. Foi por meio dela que muitos londrinenses se informaram de fatos importantes. Não sem justa causa, o jornal segue sendo o impresso mais antigo em atividade na cidade. Além disso, seus exemplares antigos – organizados em acervos da Biblioteca Pública Municipal de Londrina, do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) e do Museu Histórico Padre Carlos Weiss, ambos pertencentes à Universidade Estadual de Londrina (UEL) – são um valiosíssimo objeto de estudo quando se pretende recuperar a história do município, de seus pioneiros e de acontecimentos que foram notícia em Londrina e região. Um exemplo disso é o caso que ficou conhecido como “Crime do Simca”, ocorrido em dezembro de 1963, que mereceu ampla cobertura – textual e imagética – em suas páginas.

3. O Crime do Simca: um caso de polícia e de imprensa

Era madrugada de 12 de dezembro de 1963. Na BR-87, um Simca Chambord vermelho e branco, sem placa, ia em alta velocidade com destino à represa de Jurumirim, próxima à cidade de Avaré(SP). De repente, o capô do carro abriu, impedindo a visão da motorista Maria Neusa Ferreira, de 29 anos, que acabou indo de encontro à traseira de um caminhão Mercedes Benz, sem placa. Um acidente aparentemente comum, a não ser pelo fato de que, no banco do passageiro, a jovem funcionária da Prefeitura de Londrina levava o cadáver de um homem, enrolado numa colcha, com três tiros de calibre 32 na cabeça.

Além de Maria Neusa desacordada, a Polícia Rodoviária de Jacarezinho(PR) encontrou o corpo de seu “amásio” Leonel Raimundo, representante comercial de adubos e inseticidas no norte do Paraná, há cerca de 12 anos, debruçado no banco traseiro do veículo. O caso foi recebido como uma bomba em Londrina. Segundo Hara (1997, p.107), “Os radialistas, os jornais e até a recém-inaugurada Televisão Coroados sentiram o cheiro de um bom caso. [...] as notícias sobre o ‘Crime do Simca’ foram destaques nos jornais de Londrina.”

Advogados da acusação e da defesa usavam os meios de comunicação para plantar suas versões do crime e encontravam receptividade nos jornalistas, ávidos por novidades que pudessem alimentar a curiosidade do público. Sem muito filtro, os jornalistas publicavam tudo, mesmo que precisassem desmentir depois. E os leitores,



ouvintes e telespectadores queriam saber sempre mais, como se acompanhassem um folhetim ou uma radionovela da vida real. (HARA, 1997).

Os jornalistas acompanharam todas as investigações policiais de perto, muitas vezes colaborando em reconstituições. Os fotógrafos atentos registravam o que podiam. E o crime que ia sendo desvendado pela justiça era mostrado detalhadamente na imprensa. O caso chamava ainda mais a atenção da população, porque era a primeira vez que os londrinenses viam uma cobertura do tipo na televisão. Os advogados chegaram a simular um júri na TV Coroados. E no dia do júri real, as atividades foram transmitidas pelo rádio.

Se por um lado a defesa de Maria Neusa alegava tratar-se de um crime passionai, justificando que a jovem havia sido humilhada por Leonel que pretendia abandoná-la para casar-se com outra, em Curitiba(PR), a acusação defendia a tese de que ela havia premeditado o crime. Os advogados de Leonel reafirmaram a honra da vítima, tentando provar que a assassina nem mesmo era virgem quando o conheceu. De dezembro de 1963 a março de 1964, defesa e acusação da ré se revezavam nos meios de comunicação, criando e desmentindo versões. Após esse tempo, o caso ficou esquecido por meses, até ser retomado pela imprensa em setembro de 1964, mês do julgamento de Maria Neusa.

Os advogados pareciam ter consciência da influência dos jornais na formação da opinião pública e se aproveitavam dessa brecha dada pelos jornalistas para sedimentar seus argumentos. “[...] o advogado [de defesa] Mario Jorge não parava de faturar a simpatia da população explorando a situação com habilidade.” (HARA, 1997, p.117). A acusação usava do mesmo expediente. Interessante notar, que raramente uma matéria ouvia os dois lados. “Por isso esse caso é uma sucessão de ‘ditos e desditos’. Um fala e o outro retruca, não cabendo ao jornal o papel de mediador de falas.” (HARA, 1997, p.132).

3.1 O discurso fotográfico da *Folha de Londrina*

O grande interesse da imprensa pelo “Crime do Simca” era evidenciado pela ampla cobertura fotográfica feita pela *Folha de Londrina*, sobretudo no mês do júri, quando o periódico chegou a publicar um suplemento de quatro páginas sobre o caso, devidamente ilustrado com fotografias. Segundo Hara (1997), nesse dia, a *Folha*

inclusive imprimiu um livreto com o conteúdo do suplemento para distribuir à população.

A análise dessas fotografias, mais do que dar pistas sobre o caso, diz muito a respeito da imprensa em Londrina nos anos 60. O amplo espaço dedicado às fotografias evidencia a maneira como o jornal explorava o recurso imagético para contar uma história emancipada do texto escrito – que não é um objeto de análise deste trabalho. Por meio das fotografias, a *Folha de Londrina* foi construindo e reconstruindo os rumos do crime até seu desfecho, em setembro de 1964.

No dia seguinte ao acidente com o Simca, a *Folha de Londrina* trouxe uma matéria de contracapa (página 16), intitulada “Autoridades encontram homem baleado num carro Simca sinistrado”. A reportagem era ilustrada com quatro fotografias, sendo três delas do carro com a dianteira amassada (Figura 2), praticamente irreconhecível. A outra fotografia (Figura 3) mostra Maria Neusa hospitalizada, com uma faixa na cabeça e um curativo no nariz. Num primeiro momento, os jornalistas e a própria polícia ainda não tinham informações sobre o crime. As fotografias, portanto, mostram apenas os fatos. Maria Neusa aparece fragilizada, vitimizada, internada em estado grave no hospital de Bandeirantes(PR), imagem muito distante de uma assassina fria, capaz de matar e armar um plano para se livrar do cadáver.

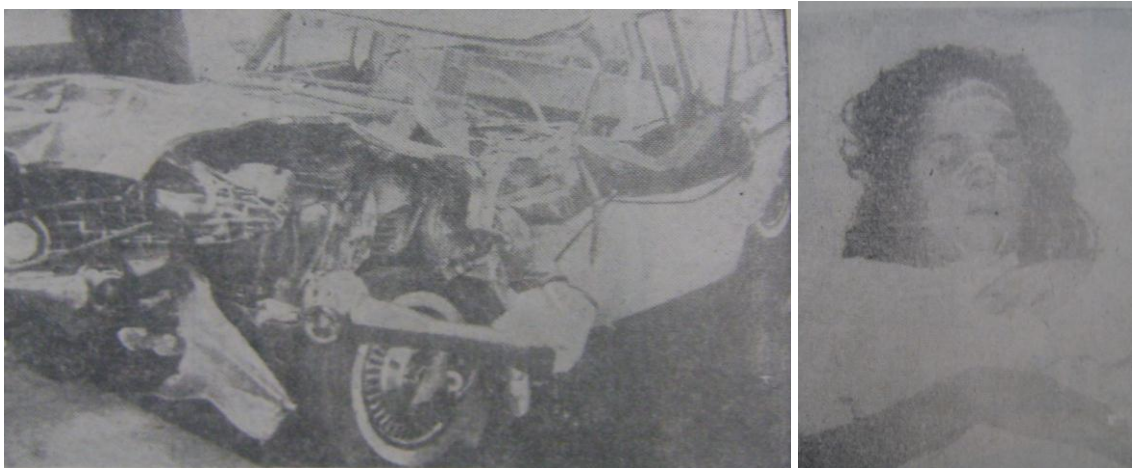


Figura 2 – Simca Chambord, sem placa, irreconhecível após o acidente

Fotografia: Autor desconhecido/Reprodução

Fonte: Publicada na *Folha de Londrina* 13/12/1963

Figura 3 – Maria Neusa Pereira hospitalizada após o acidente

Fotografia: Autor desconhecido/Reprodução

Fonte: Publicada na *Folha de Londrina* 13/12/1963

Com o passar dos dias, o jornal estampava mais e mais manchetes sobre o caso. Nos primeiros meses, era constante a presença de Mario Jorge, o advogado da defesa, nos diversos veículos de imprensa londrinenses, vendendo a ideia de que sua cliente era uma vítima de Leonel. Maria Neusa foi mostrada como uma mulher dedicada ao companheiro, que só cometeu o crime após ser muito humilhada por ele. Segundo Mario Jorge, a jovem inclusive ajudara Leonel financeiramente, usando uma herança que recebera do pai. Versões que seriam refutadas pela acusação, mais tarde, baseada no argumento de que Maria Neusa subtraía dinheiro da conta de Leonel. Para reforçar a “desonra” da funcionária pública, chegou-se a dizer que nem mesmo virgem ela era quando o conheceu.

Em 19 de fevereiro de 1964, a matéria “Sumário de culpa de Maria Neusa durou 8 horas com 2 testemunhas” trazia sete fotografias. Uma das tomadas (Figura 4), em plano médio, mostrava Maria Neusa sentada ao lado de seu advogado, visivelmente abatida. Com olheiras que denotam cansaço, mais uma vez a ré apareceu no jornal como vítima da situação. O grande destaque nos jornais foram as testemunhas arroladas pela Promotoria Pública de Londrina. Porém, os depoimentos sobre o cotidiano e o caráter da jovem não foram importantes para a imprensa, que preferiu se concentrar em outra questão: Maria Neusa era ou não virgem antes de conhecer Leonel Raimundo? Nesse momento, apareceu até mesmo um dentista da cidade que teria tido um caso com a acusada.



Figura 4 – Maria Neusa Pereira abatida durante sumário de culpa

Fotografia: Autor desconhecido/Reprodução

Fonte: Publicada na Folha de Londrina 19/02/1964

Durante cinco meses (de abril a agosto de 1964), a imprensa londrinense silenciou sobre o caso. O assunto voltou aos jornais apenas em setembro, mês do tão aguardado júri. No dia 13 de setembro de 1964, a *Folha de Londrina* inovou, trazendo um suplemento de quatro páginas, com onze fotografias. Com o título “Advogado e irmão de Leonel Raimundo compara o crime de Maria Neusa ao caso de Leopoldo Heitor”, o suplemento dedicava-se à integralmente versão do advogado de acusação, Lourival Raimundo, trazendo, inclusive, trechos dos diários pessoais da ré. “Ele utilizou as quatro páginas basicamente para defender a tese de crime premeditado, defender a memória e a honra do irmão morto e atacar Maria Neusa Pereira (sic)”. (HARA, 1997, p.145). Para corroborar as acusações de Lourival, a *Folha de Londrina* estampou suas páginas com fotografias diferentes do que costumava trazer até então, chegando a buscar em seus arquivos uma imagem de Leonel Raimundo morto com os três tiros na cabeça (Figura 5). Nem mesmo no dia do acidente com o Simca o jornal havia publicado a fotografia do cadáver.

Neste momento sai de cena a Maria Neusa vítima e aparece a mulher forte, capaz de matar a queima roupa e ainda esconder os vestígios. Em uma fotografia, possivelmente do arquivo pessoal da acusada, ela aparece encostada em um jipe, fazendo pose de caçadora com uma espingarda na mão (Figura 6). Com essas imagens, o jornal desmontava a imagem de “mocinha indefesa”, criada pelo advogado de defesa Mario Jorge. “Uma foto que também, totalmente fora do contexto, contrariava as imagens que Mario Jorge pretendia impor à sua cliente.” (HARA, 1997, p.154).

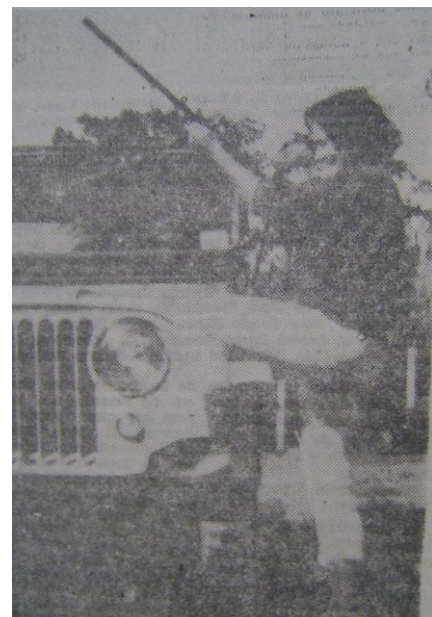


Figura 5 – Corpo de Leonel Raimundo, após o acidente, com três perfurações de bala na cabeça

Fotografia: Autor desconhecido/Reprodução

Fonte: Publicada na *Folha de Londrina* 13/09/1964

Figura 6 – Maria Neusa com uma espingarda

Fotografia: Autor desconhecido/Reprodução

Fonte: Publicada na *Folha de Londrina* 13/09/1964

Com a situação nada favorável a Maria Neusa, no dia 25 de setembro de 1964, começou o julgamento, que duraria mais de 26 horas. No dia 27, a *Folha de Londrina* estampava a manchete em sua contracapa “Maria Neusa absolvida após 26 horas e meia de julgamento”, ilustrada por seis fotografias. O resultado foi considerado surpreendente pelo jornalista e por toda a população. Alegando coação moral irresistível, e não crime passionnal, Mario Jorge convenceu o júri, formado somente por homens. Foram cinco votos contra dois. Nas fotografias, Maria Neusa aparece triunfante ao lado de seu advogado. Em uma delas (Figura 7), aparece com expressão de alívio, sendo cumprimentada e cercada por vários policiais e populares. Os ombros de Maria Neusa, antes caídos, agora estavam inflados. Em outra tomada (Figura 8), ela sai do fórum escoltada por quase uma dezena de policiais. Vencia a ideia de que, independente da ação realizada, o agir pela emoção é sempre um ideal nobre.



Figura 7 – Absolvida, Maria Neusa é cumprimentada pelos presentes ao júri

Fotografia: Autor desconhecido/Reprodução

Fonte: Publicada na *Folha de Londrina* 27/09/1964



Figura 8 – Maria Neusa sai do júri escoltada por policiais

Fotografia: Autor desconhecido/Reprodução

Fonte: Publicada na *Folha de Londrina* 27/09/1964

Maria Neusa saiu do tribunal aplaudida pelas mulheres presentes, que foram, talvez, as que mais se identificaram com o drama. “A impressão é que através dos jornais foi veiculado um estereótipo de mulher que ao mesmo tempo em que se apresenta frágil, submissa, dócil, é paradoxalmente forte, corajosa, capaz de chegar aos extremos.” (HARA, 1997, p.160).

Ao longo da ampla cobertura fotográfica feita pela *Folha de Londrina*, pode-se dizer que as imagens tiveram papel relevante nos rumos tomados pelo caso. As reviravoltas eram estampadas nas páginas do jornal e a fotografia contribuía para que ocorressem mudanças na maneira como a ré era vista pelos leitores. Além disso, quando se trata de história da imprensa, a imagem tem o mérito de evidenciar nuances que o texto escrito não daria conta. Por meio da construção do discurso fotográfico, é possível perceber a maneira de pensar de determinada época, seus valores e costumes.

Considerações finais

As fotografias do “Crime do Simca” publicadas na *Folha de Londrina*, de 1963 a 1964, evidenciam que o veículo de comunicação comprou integralmente o discurso dos advogados que trabalharam no caso. Ao longo da cobertura, o jornal usou fotografias que reforçavam as ideias defendidas pelo advogado que aparecia como fonte da matéria – ora o de acusação, ora o de defesa. Nota-se que não houve preocupação em



ouvir os dois lados numa mesma reportagem ou checar as informações e que, exatamente por isso, o discurso do jornal – inclusive o imagético – mudava de um dia para o outro.

Apesar disso, pode-se considerar essas imagens de fundamental importância para a recuperação de parte da história da cidade. Para Le Goff (2003, p.471), todo documento é produto da sociedade que o fabricou, conforme as relações de força de quem detinha o poder. “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.” No caso do “Crime do Simca”, os jornais acabavam publicando qualquer informação nova capaz de alimentar a polêmica e a curiosidade do público.

De acordo com Kossoy (2001), a iconografia fotográfica é capaz de fornecer amplo painel de informações visuais que possibilita conhecer o passado em seus múltiplos aspectos. Dessa forma, apesar cobertura fotográfica do “Crime do Simca” feita pela *Folha de Londrina* ter sido fortemente influenciada pelas declarações da defesa e da acusação, as imagens, em última instância, mostram o pensamento de uma época, que merece ser conhecida e registrada.

Referências

BARBOSA, Marialva Carlos. Meios de comunicação e história: um universo de possíveis. In: RIBEIRO, Ana Paula Goular; FERREIRA, Lucia Maria Alves. (Orgs). **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. P.15-34.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: Edusc, 2004.

FREUND, Gisèle. *La fotografía como documento social*. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 1976.

HARA, Tony. **Caçadores de notícias: história e crônicas policiais de Londrina 1948-1970**. 1997. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná – Curitiba. 1997.

HERAS, Beatriz de las. **Imágenes de una ciudad sitiada – Madrid 1936-1939**: Colección inédita de fotografías de la Guerra Civil. Madrid: Ediciones JC, 2009.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 269–279.



SCHWARTZ, Widson. **Jornal diário surgiu em ano de eleições**. Jornal de Londrina, Londrina, 29 mai. 2000. p.8A.

SILVA, Silvana Louzada da. **Prata da casa**: fotógrafos e fotografia no Rio de Janeiro (1950-1960). 2009. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal Fluminense – Niterói. 2009.

TRIGUEIROS FILHO, Marinósio; TRIGUEIROS NETO, Marinósio. **História da imprensa de Londrina**: do baú do jornalista. Londrina: UEL, 1991.

UM POUCO da história da Fôlha de Londrina. **Folha de Londrina**. Londrina, 23 set. 1969.